

**A literatura latina clássica em *O livro dos seres imaginários*, de Jorge Luis Borges**

**Matheus Trevizam (FALE/ UFMG)**

A consulta e a indagação a respeito das fontes utilizadas por Jorge Luis Borges e sua colaboradora, Margarita Guerrero, para a compilação das muitas “estranhezas” que constituem *O livro dos seres imaginários* revela-nos dados curiosos. Em primeiro lugar, assim, fazemos atentar para o respeitável número de autores romanos (ou citações a eles) no corpo dessa espécie de bestiário criativamente feito pelo autor: são, ao todo, sessenta e sete citações desse tipo e vinte e um escritores latinos mencionados (alguns, mais de uma vez), o que os coloca em relação vantajosa mesmo diante dos gregos,<sup>1</sup> natural foco de convergência de atenções, por conta da exuberância mítica em sua cultura, quando se pensa na abordagem do maravilhoso e do inusitado no Ocidente.

Contudo, prende-nos mais a atenção, além do gosto borgeano por fundamentar-se em escritores da latinidade, o fato de que esses mesmos sejam tão disparatados em suas concepções (e fins) do gesto compositivo. De início, assim, poder-se-ia explicitar essa disparidade apontando para as próprias diferenças de gênero entre algumas das obras evocadas. Apenas para tomar ao acaso quatro exemplos possíveis, Lucano e sua *Farsália*, citados no “verbete” “O Basilisco”, são respectivamente um poeta e um poema épico; Ovídio, que surge por conta de uma menção ao Minotauro no “verbete” correspondente, é escritor didático na *Arte de amar*; Plínio, o Velho, é o famoso “enciclopedista” romano que se evoca para contar da *Rêmora*, peixe dotado de miraculosos atributos; Propércio, de que Borges se

lembra quando comenta as *Ninfas*, é o primeiro dos grandes elegíacos da literatura latina, e, como tal, essencialmente um cantor de amores infelizes...

Talvez a própria introdução de *O livro dos seres imaginários*, conjuntamente assinada por Borges e Margarita, possa ajudar-nos a entender os motivos que justificam a atribuição comum da fantasia às palavras de autores latinos tão distanciados, em nosso entender, também no tocante ao critério da “confiabilidade” do que dizem:

O nome deste livro justificaria a inclusão do príncipe Hamlet, do ponto, da linha, da superfície, do hipercubo, de todas as palavras genéricas e, talvez, de cada um de nós e da Divindade. Em suma, quase todo o universo. Nos ativemos, contudo, ao que imediatamente sugere a locução “seres imaginários”; compilamos um manual dos estranhos entes que engendrou, ao longo do tempo e do espaço, a fantasia dos homens.<sup>2</sup>

Ao que tudo indica, procedendo de forma apenas lúdica com a escrita dessa curiosa coletânea, Borges não pretendeu, em absoluto, fazer obra de criterioso “etimologista” do maravilhoso, discriminando de fato, no âmbito das fontes que o relataram tantas e tantas vezes, entre aquilo tido por “real” ou lendário no contexto primitivo de tematização. Em outras palavras, a flexível idéia borgeana dos “seres imaginários” é, como ele próprio ressalta, suficientemente vasta para conter “quase todo o universo”, dispensando-o de buscar compreender se cada um dos escritores romanos repercutidos entendia estar tematizando no domínio da mera fantasia ou não...

Ora, embora a menção a seres híbridos na literatura latina não fosse, em absoluto, um expediente exclusivo de poetas empenhados em deleitar a imaginação do público com lendas extravagantes (haja vista a referência séria, por Júlio Obsequente e no século IV d. C., a um porco que nascera “com mãos e pés humanos” e a “dois carneiros com pés de cavalo, um deles com cabeça de macaco”),<sup>3</sup> parece-nos bem documentado que nem todos os antigos acreditavam em todas as

circunstâncias em tudo o que se contava de extraordinário. O caso da evocação da lenda do Minotauro por Ovídio em *Arte de amar* II 23-23, por exemplo, corresponde a uma ocorrência em que o poeta, somente, ecoa a tradição mitológica sem reivindicar qualquer pretensão de “realismo” para o dito:

*Daedalus ut clausit conceptum crimine matris  
Semibovemque virum semivirumque bovem,  
“Sit modus exilio”, dixit “iustissime Minos:           25  
Accipiat cineres terra paterna meos.  
Et quoniam in patria, fatis agitatus iniquis,  
Vivere non potui, da mihi posse mori.  
Da reditum puero, senis est si gratia vilis:  
Si non vis puero parcere, parce seni”<sup>4</sup>           30*

Como os versos transcritos demonstram, faz-se aqui um entrelaçamento de histórias, correspondendo a lenda do fantástico híbrido a que se alude apenas às preliminares do relato da fuga de Dédalo e Ícaro de sua clausura em Creta. Ocorre que aquele monstro fantástico, misto de homem e touro, resultara dos amores da rainha Pasífaa com um magnífico boi branco votado a Júpiter pelo rei Minos, mas nunca, de fato, sacrificado por ser belo demais. Dessa forma, o sacrílego pagou pelo perjúrio ao deus vendo a esposa traí-lo com o animal e (horror!) dar à luz o Minotauro como prova indelével de seu crime. Nessas circunstâncias, Dédalo, modelo de engenhosidade humana, foi o arquiteto encarregado por Minos de construir o labirinto para casa e cela do Minotauro (II 23-24), e seu incomum talento na empreitada motivou-lhe a retenção com o filho (Ícaro) para um permanente (e indesejado) serviço a esse monarca.

É evidente que Ovídio teve plena consciência, nessa passagem, de servir-se de uma “lenda” helênica consagrada, mas, nunca, passível de revestir-se de historicidade: ele a colhe com erudição de tradições anteriores, destinara-a a adorno compositivo em seu erudito poema de preceituação amorosa, manifestara, em passagem pregressa do mesmo texto (I 637), duvidosa “aquiescência” à idéia da

existência dos deuses...<sup>5</sup> Sobre esse último ponto, a propósito, seria mesmo o caso de nos perguntarmos seriamente: para alguém apenas inclinado a “confiar” nos próprios deuses por força das conveniências sociais, sequer caberia conceder algum crédito a um ser tão mais esdrúxulo quanto o Minotauro, e ainda entendido, segundo vimos, como fruto desastroso de uma promessa quebrada a Júpiter, o chefe supremo do Panteão sagrado antigo?

A resposta parece-nos clara, e também a “afinidade” de pensamento entre esse velho poeta romano e Borges, que inclui o monstro visto na categoria de seus “seres imaginários”, provavelmente desejando dar a entender com isso “dotados de pouca consistência”.

Curiosamente, a alusão borgeana ao “basilisco”, espécie de serpente supostamente nascida do sangue da cabeça decepada de Medusa, e que, segundo relata, poderia matar um transeunte com um simples e petrificante olhar, também se encaixa em parte no mesmo padrão de concordância com a natureza desse ser no poeta repercutido. Ora, os leitores familiarizados com a *Farsália* de Lucano estão cientes de que ela é uma obra com características sobretudo históricas (GRIMAL, 1994, p. 396-399) e não, em essência, míticas, à maneira do que havia, por exemplo, na *Odisséia* homérica, com seu panorama de seres e situações altamente imaginativos. Assim, se o maravilhoso adentra as páginas da épica lucaniana, é a título de alguma pequena concessão às tradições artísticas do gênero ou com o sentido da aclimatação do numinoso ao plano dos afazeres humanos (GRIMAL, 1994, p. 397). Trata-se, nesse segundo caso, de aceitar, à maneira tradicional latina, a interferência de “forças ocultas” no destino das personagens, por vezes “materializadas” em presságios, profecias, prodígios...

Embora, com tais conotações, algum evento inusitado da *Farsália* devesse, na verdade, ser tido por “palpável” do ponto de vista do narrador do texto, voltamos nossos olhos não para semelhante tipo de ocorrência do “fantasioso” nessa obra, mas,

como vimos, para aquele que se afina com “adornar” o texto com as histórias da mitologia. Parece-nos, com efeito, ser essa a maneira de inserção da lenda da origem do basilisco nas páginas da *Farsália*, pois o próprio poeta, embora a conte, não o faz concedendo-lhe crédito, mas ressaltando com claras letras que se servirá, de modo meramente paliativo, de um mito:

*cur Libycus tantis exundet pestibus aer  
fertilis in mortes, aut quid secreta nocenti                    620  
miscuerit natura solo, non cura laborque  
noster scire valet, nisi quod volgata per orbem  
fabula pro vera decepit saecula causa.*<sup>6</sup>

Como se vê, não podendo atinar com as causas da hostilidade do meio natural líbico (caracterizado, além de pela *secura* desértica, pela proliferação de muitos tipos de víboras), Lucano decide-se por “enganar” o público narrando-lhe o entrelaçamento da lenda de Medusa ao país por meio de uma “história conhecida” (*fabula uolgata* — v. 622) que tem apenas “passado”, há “séculos” (*saecula* — v. 623), por “motivo verdadeiro” (*uera causa* — v. 623). Com isso, ainda que o narrador da *Farsália* julgue, enumerando o basilisco entre outras serpentes daquelas paragens, de fato compilar um catálogo zoológico anormalmente assustador e digno de alguma confiança, é claro que a natureza da gênese primeira de um réptil como esse perde por completo em estranheza e o animal, doravante tido por originário da hemorragia da Górgona apenas nas lendas, passa nesse quesito a revestir-se do mesmo grau de “inconsistência” que lhe cabia nas páginas de Borges.

Nem sempre, porém, a assimilação dos dizeres dos antigos, dotada de significação idêntica às das fontes, adentrou tão pacificamente as páginas de *O livro dos seres imaginários*. Embora outros exemplos pudessem ser citados, tomamos para comentário apenas aquele referente ao tratamento das características do peixe chamado *remora* (ou *echeneïs*) em latim, pelas mãos do enciclopedista que foi Plínio,

o Velho. Esse, como se sabe, compôs vasta obra (a *Naturalis historia*) no século I de nossa era, em que examinou aspectos muito variados da geografia, dos reinos animal, vegetal e mineral, da “antropologia” e das artes humanas. Referimo-nos, portanto, quando se faz menção à *Naturalis historia* e a seu autor, a um erudito inscrito na mesma linha de perscrutadores do mundo que Teofrasto e o próprio Aristóteles (GRIMAL, 1994, p. 423).

Isso significa, embora hoje se possam apontar “disparates” e incongruências científicas no modo como esses autores descreveram alguns fenômenos, que, em absoluto, não “mitologizaram” no momento de compor seus textos. Antes, acreditavam recorrer a critérios válidos com vistas à acurada documentação de tudo o que viam manifesto de forma muitas vezes extraordinária no vasto panorama da vida.

Claro está, então, mesmo quando Plínio e Aristóteles comentam aspectos do mundo humano ou natural passíveis de fazer trabalhar a imaginação dos leitores, que, em absoluto, não nos vemos aqui diante de algo de todo assimilável à abordagem do maravilhoso em Ovídio ou Lucano, segundo descrito. Para Plínio, na verdade, a *remora* é um pequeno peixe incomum (não serve à alimentação — *in cibos tamen non admittitur* —, faz tardar as naus a que se prende sob a água — *hoc carinis adhaerente naves tardius ire creduntur* —, é empregada em filtros amorosos, feitiços usados em litígios e para manter os fetos no ventre das mães — *amatoriis quoque veneficiis infamis est et iudiciorum ac litium mora, quae crimina una laude pensat fluxus gravidarum utero sistens partusque continens ad puerperium* — (I 9), basta como nada mais para estabilizar navios em meio às violentas tempestades e ventos marinhos — *cogit stare navigia, quod non vincula ulla, non ancorae pondere inrevocabili iactae* —, chegou a decidir o destino de batalhas navais inteiras com sua força — *fertur Actiaco marte tenuisse praetoriam navem Antoni properantis circumire et exhortari suos, donec transiret in aliam, ideoque caesariana classis impetu maiore*

*protinus venit* —, ou a inutilizar com maus presságios os braços de quatrocentos remadores de Calígula — *invenere adhaerentem gubernaculo ostenderuntque Gaio indignanti hoc fuisse, quod se revocaret quadringentorumque remigum obsequio contra se intercederet...* (XXXII 1)). Entretanto, ele não deixa de recorrer à evidência comprobatória dos testemunhos oculares de outros (XXXII 1) ou à autoridade de Aristóteles (I 9) para afirmar o que diz sobre o assunto, embora reconheça haver “estranhos poderes” — *potentiae occultae* (XXXII 1) — na natureza...

Retomando, por fim, a citação da *Arte de amar* ovidiana, é de se notar que Borges também soube apropriar-se com liberdade do verso II 24 daquela obra (*Semibovemque virum semivirumque bovem*):<sup>7</sup> dizendo sobre ele que “pretende ser engenhoso”, assim, o escritor argentino realiza uma operação crítica em miniatura sobre a arte do poeta. Por outro lado, como não pensar numa reversão de sentidos na passagem de Ovídio para Borges quando evocamos a provável ironia sobre um poeta tão cioso da composição escrita? Pois, é fato, Ovídio esmera-se em construir artisticamente seus textos, não, imaginamos, sem orgulhar-se dos próprios dons compositivos.<sup>8</sup>

Em suma, constatamos que a literatura latina clássica foi empregada por Borges não sem algumas concessões a seus propósitos em *O livro dos seres imaginários*, sejam eles aumentar o rol do bestiário mesmo a custo da eventual infidelidade às fontes ou, por outro lado, (des)integrar as categorias do antigo no funcionamento caleidoscópico do novo.

## Referências

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Tradução de Carmen Vera Cirne Lima. São Paulo: Globo, 1989.

GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

LUCAIN. *La Pharsale*. Traduction de Marmontel. Paris: Garnier, [s. d.].

OBSEQUENS, Julius. *Prodigiorum Liber*. In: NISARD, M. (Org.). *Cornelius Nepos. Quinte Curce. Justin. Valère Maxime. Julius Obsequens*. Paris: Firmin Didot, 1864.

OVIDIO. *L'arte di amare*. A cura di Emilio Pianezzola, commento di Gianluigi Baldo, Lucio Cristante, Emilio Pianezzola. Milano: Lorenzo Valla/ Arnoldo Mondadori Editore, [s. d.].

PERSEUS projctc. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu>>. Acesso em: 29 jul. 2008.

## Notas

---

<sup>1</sup> Descontados os latinos (Plínio, Lucano, Virgílio, Sérvio Honorato, Tácito, Manílio, Cláudio Claudiano, Ovídio, Lactâncio, Tertuliano, Santo Ambrósio, Lucrécio, Santo Agostinho, Columela, Flávio Josefo, Sêneca, Quintiliano, Eliano, Cícero, Propércio e Santo Isidoro de Sevilha), contamos, aproximadamente, trinta e sete citações e dezesseis autores gregos mencionados.

<sup>2</sup> Cf. BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Tradução de Carmen Vera Cirne Lima. São Paulo: Globo, 1989. p. 11.

<sup>3</sup> Cf. OBSEQUENS, Julius. *Prodigiorum*. In: NISARD, M. (Org.). *Cornelius Nepos. Quinte Curce. Justin. Valère Maxime. Julius Obsequens*. Paris: Firmin Didot, 1864. p. 836-842.

<sup>4</sup> “E quando Dédalo prendeu o homem metade boi e boi metade homem, concebido por crime da mãe, falou: ‘Haja um fim para o exílio, justíssimo Minos. Que a terra paterna acolha minhas cinzas. E já que, perseguido por um destino ingrato, não pude viver na pátria, concede-me poder morrer. Concede a volta ao menino, se é vil o perdão ao pai; se não queres poupar um jovem, poupa um velho” (Tradução nossa).

<sup>5</sup> Cf. *Arte de amar* I 637: *Expediit esse deos, et, ut expedit, esse putemus* — “Convém que haja deuses e, como convém, julguemos que os há” (Tradução nossa).

<sup>6</sup> “Porque a atmosfera líbica se espraia com tantas pestes, pronta a matar, ou porque a natureza misturou não se sabe qual coisa ao solo funesto é impossível a nosso interesse ou

---

esforço saber, exceto que uma história difundida pelo mundo ilude os séculos como se fosse um motivo verdadeiro.”

<sup>7</sup> “Homem metade boi e boi metade homem.”

<sup>8</sup> Cf. *Arte de amar* I 29: *Usus opus movet hoc; vati parete perito* — “A experiência move esta obra: obedeei ao **vate perito**” (Tradução e grifos nossos).